



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA-UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – campus XIV
COLEGIADO DE HISTÓRIA

**A REPRESENTAÇÃO DAS REZADEIRAS NO PROCESSO DE
CONSTRUÇÃO CULTURAL DE RIACHÃO DO JACUÍPE.**

JOSEITA DOS SANTOS SOARES

BANCA EXAMINADORA

Profa. Suzana Severs

Orientador (a)

Prof(a). Nome

Prof(a). Nome

Conceição do Coité, Ba
Setembro, 2011

A REPRESENTAÇÃO DAS REZADEIRAS NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO CULTURAL DE RIACHÃO DO JACUÍPE.

Joseita dos Santos Soares*

Resumo: O presente artigo objetiva identificar e descrever a arte de rezar no município de Riachão do Jacuípe, interior do estado da Bahia, e analisar a representação das rezadeiras pela sociedade jacuipense, mostrando as conquistas e entraves encontrados por este grupo nas últimas décadas entre o século XX e XXI. Utilizando-se da metodologia da história oral, foram entrevistadas três rezadeiras sendo duas de bairros periféricos e uma da zona rural. Nenhuma outra fonte poderia ser melhor utilizada para representá-las visto que ao entrevistá-las ficaram perceptíveis suas angústias e frustrações por suas rezas não terem recebido o reconhecimento enquanto manifestação cultural local. Ao aplicar um questionário com seis pessoas da comunidade quatro católicos e dois evangélicos foi possível configurar as relações que as rezadeiras exercem na sociedade jacuipense.

Palavras-chave: Rezadeiras, Representação cultural, História oral.

Abstract : This article aims to identify and describe the art of prayer in the city of Riachão Jacuípe, state of Bahia, and to analyze the representation of the mourners' Jacuipense society, showing the achievements and the obstacles found by that group in recent decades between XX and XXI century. Using the methodology of the oral history, were interviewed three mourners, two of the suburbs and another in the countryside. No other source could be better used to represent them, one time that have interviewed them, is perceived their anguish and frustration because their prayers have not received the recognition like a local cultural event. Applying a questionnaire with six people in the community: four Catholics and two evangelicals, has possibility configured the relationships that the mourners Jacuipense has in that society.

Key-words: mourners, cultural representation, oral history.

Certamente a experiência vivenciada com as rezadeiras foi fundamental para seu entendimento. Nenhuma outra fonte seria capaz de representar suas vivências, seus sentimentos e suas práticas como foi possível através da fonte oral, visto que sua história está marcada pela história dos oprimidos e excluídos da história oficial. Ao entrevistar três

* Artigo a ser avaliado para obtenção do grau de Licenciada em História pela UNEB, campus XIV, turma 2006.2, sob orientação da Profa. Dra. Suzana Severs. Dedico este trabalho às rezadeiras de Riachão do Jacuípe, pela valiosa contribuição na pesquisa. Setembro 2011.

rezadeiras, sujeitos desta pesquisa, ficou clara a importância de suas rezas para a parte da população que acredita no seu poder de cura. Foi muito gratificante estar perto do ambiente das rezadeiras, o respeito e a atenção facilitou o bom andamento da pesquisa.

Trabalhar com os próprios personagens da história tem uma vantagem incrível. Podem-se perceber suas angústias e suas frustrações também; foi extraordinário o desabafo de uma das rezadeiras quando, antes de iniciar a entrevista, ela começou a fazer questionamentos do tipo: “porque nós não somos representadas na sociedade? Porque quando tem uma festa, uma apresentação de escola ou em qualquer outro lugar que vai trabalhar a cultura não chama a gente para se apresentar? Será que não tem mais rezadeiras em outros lugares em Riachão? Parece que eles não vêm à gente como pessoas de bem”. Essas indagações muito ricas, cheias de significados serão analisadas neste estudo a fim de se construir a representação dessas rezadeiras na sociedade jacuipense entre fins do século XX e início do século XXI, sob o prisma da história cultural.

No século XX houve uma ampliação das fontes históricas. Hoje, todas as manifestações e experiências humanas são contadas em entrevistas e depoimentos, constituindo assim as fontes orais. Graças à Nova História, a história pode agora preocupar-se com as ações ligadas às festas, as formas de ensinar e aprender a religiosidade, passando para o campo da história e não mais apenas da antropologia ou sociologia. Assim, pode-se analisar o universo cultural e símbolos religiosos, as religiosidades, as diversas formas de manifestações culturais. Pode-se estudar também o que os homens e mulheres fizeram no seu passado e fazem no seu presente, de tal modo não se pode mais admitir que a história oral seja ainda vista pelos historiadores tradicionais como uma fonte insegura, alegando que o entrevistado tem o poder de usar sua subjetividade para fantasiar um fato. Do mesmo modo, ao se analisar qualquer outra fonte, constata-se a subjetividade, seja ela escrita, oral ou imagética. A fonte oral favorece a compreensão e ampliação das fontes, além “de revelar os silêncios e as omissões dos documentos escritos, produzindo outra evidência “captar, registrar e preservar a memória viva”¹. O que interessa como já dizia Paul Thompson, “é saber por que o entrevistado foi seletivo ou omissivo, pois essa seletividade com certeza tem um significado”².

¹ SAMUEL, R. História local e história oral. **Revista brasileira de história**. São Paulo: ANPUH. v.9, n.19, p.219-242.

² THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 18-19

Diante dessa situação, a história oral “favoreceu aos “narradores dá vozes na história”³, na medida em que a história das rezadeiras pode ser contada pelas próprias rezadeiras que através de suas vivências e participações na sociedade jacuipense construirá sua história. De acordo com Thompson: “A historia oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só de dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo”.⁴

Portanto, a história oral reconhece os menos privilegiados e possibilita o contato com grupos sociais silenciados, com o intuito de “salvar o passado para servir o presente e o futuro”⁵. Por isso, devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação não para servidão dos homens “⁶.

Optar pela fonte oral, não foi por acaso, visto que as rezadeiras trazem uma raiz cultural baseada na oralidade que são as religiões de matrizes africanas, às quais, por sua vez, valorizam o conhecimento dos ancestrais. Assim, na medida em que elas deram seus depoimentos, foi possível conhecer sua própria visão de mundo sobre suas vidas, pois suas memórias, como já dizia Le Goff, “trazem elementos essenciais para o entendimento histórico”⁷.

Para compreender a representação das rezadeiras na sociedade jacuipense a pesquisa foi conduzida mediante um questionário aplicado a seis pessoas da comunidade, duas evangélicas e quatro católicas. E, por meio de entrevistas gravadas com três rezadeiras: duas de bairro periférico: Alto do Cruzeiro e Cleriston Andrade e uma da zona rural, Fazenda Santa Cruz, cujas histórias reconstituíram-se a partir de seus relatos. Ao contar fatos de suas vidas e de seu ofício de rezadeiras, foi possível resgatar outra história, na qual seu registro e reprodução como elemento criador foi fundamentada no conhecimento oral, pois segundo Thompson:

A história oral, no trabalho com a população, tem possibilitado o resgate de experiências, visões de mundo, representações passadas e presentes. Nesse sentido, as entrevistas permitem instituir um novo campo documental que, muitas e muitas vezes, tem-se perdido com o falecimento dos seus narradores.⁸

³ Idem, *ibidem*.

⁴ THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. P. 44.

⁵ LE GOF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 2003.p.471

⁶. Idem, *ibidem*.

⁷Idem. **Ensaio de Ego-História**.Lisboa:Edições 70, 1989,p.172.

⁸THOMPSON, op. cit.. P. 11.

Sendo assim, a história oral permitiu conhecer a história dessas mulheres, pois informações expressivas, e até únicas, podem ser lembradas a partir das experiências das rezadeiras, garantindo assim, escrever sua história. Ao escolher a metodologia da história oral ficou explícito as conquistas e entraves encontrados por elas.

Ao buscar compreender o que significa a representação das rezadeiras foi possível mostrar como elas são vistas pela população do município. Montenegro afirma que “a história, enquanto narrativa, opera de forma permanente com representações”⁹, logo, trazer para a história local de Riachão do Jacuípe a representações dessas rezadeiras é fazer com que suas memórias não caiam no esquecimento. Para Thompson “a memória de um pode ser a memória de muitos possibilitando a evidência dos fatos coletivos”¹⁰, visto que a “memória coletiva tem duração por ter em sua base um conjunto de pessoas, que lembram enquanto integrante de um grupo assim cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”¹¹.

Este artigo tem como propósito estudar a atuação das rezadeiras em Riachão do Jacuípe, cidade do interior da Bahia situada a 183 km da capital, pertencente à microrregião de Serrinha, no território da Bacia do Jacuípe. O intuito é inserir as rezadeiras na sociedade apresentando a forma como elas são vistas por esta mesma sociedade, uma vez que a arte de rezar pode ser considerada uma manifestação da cultura local. Para isso, faz-se necessário interpretar o significado das culturas, neste caso das rezadeiras que, para Augusto Arantes “implica reconstituir o modo como os grupos se apresentam nas suas relações sociais, na sua estrutura interna e nas relações com outros grupos, pois a cultura é constituída de sistemas que articulam significados”¹². Diante disso, as rezadeiras passarão a ganhar voz no exercício das rezas conquistando assim seu espaço de sujeitos históricos. O diálogo com as rezadeiras tornou possível ampliar a dimensão do conhecimento histórico através dos próprios personagens que viveram e vivem na sociedade jacuipense.

CULTURA E A ARTE DE REZAR:

⁹ MONTENEGRO, Antonio Torres. **História e memória**: a cultura popular revisada. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1994. p. 35.

¹⁰ THOMPSON, Paul. **A voz do passado: historia oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p.17.

¹¹ HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. p. 69.

¹² ARANTES, Antonio Augusto. **O que cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 2007. p.34-35.

A cultura das rezadeiras tem uma formação híbrida. De um lado influência de elementos religiosos africanos e indígenas e do outro a do português, conduzido por traços de práticas mágicas da cultura européia.

Sua manifestação cultural religiosa do ato de rezar para a cura e prevenção de males ainda é marcada pela exclusão e por isso muitas vezes as rezadeiras passam despercebidas pela sociedade jacuipense. Portanto, direcionar este estudo para a história cultural abriu a possibilidade de incluí-las como atrizes das manifestações culturais que fazem parte da religião popular na história local do município.

Nesse sentido, o estudo objetiva analisar a representação das rezadeiras na e pela sociedade jacuipense, bem como identificar e descrever as principais características existentes na arte de rezar. “A cultura em sentido amplo envolve todo complexo de conhecimento, crença, costume, hábitos adquiridos pelas pessoas”¹³. Assim, as rezadeiras podem representar personalidades importantes da cultura Jacuipense.

Compreender como se deu a construção cultural das rezadeiras no município de Riachão do Jacuípe, é poder apresentar as rezadeiras como um ser social, cultural e único, no que se referem as suas práticas dentro da sociedade. Sabe-se que cada indivíduo traz suas próprias visões de mundo e de experiências vividas ao longo da história, só a compreensão cultural é capaz de valorizar o indivíduo como sujeito de suas próprias vivências promovendo assim discussões em relação a nossa forma de percebê-las na comunidade jacuipense, pois:

Compreender o conceito de cultura popular, para Chartier, significa situar, de um lado, os mecanismos de dominação simbólica que qualificam os modos de consumo dos dominados como detentores de uma cultura inferior ou ilegítima, e, de outro, "as lógicas específicas em funcionamento nos usos e nos modos de apropriação do que é imposto"¹⁴.

Assim percebe-se que as classes populares produzem conhecimento acumulado, por isso não podemos pensar que são incapazes de tomar suas próprias decisões. Por todos esses aspectos é que as rezadeiras são marcadas profundamente pela cultura em que, cada uma dela está imersa, ao desenvolver um papel muito admirável junto às populações mais carentes. É capaz, através de suas rezas, de aliviar e curar os males daqueles que acreditam e as procuram em seu cotidiano; graças à história cultural podemos perceber e reconhecer seu papel na sociedade jacuipense, pois segundo Chartier:

¹³ BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro:Zahar, 2005. P.44-52.

¹⁴CHARTIER, R. "Cultura popular": revisitando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**. v. 8, n 16, p. 179-192. Rio de Janeiro: CPDOC; FGV, 1995.

[...] tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler, e, de igual modo, “a apropriação [...] tem por objetivo uma história social das interpretações remetida para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inseridas nas práticas específicas que as produzem”. (CHARTIER,¹⁵

Portanto a história cultural permitiu interpretar a história deste grupo de mulheres, que construiu, através da memória, suas lembranças e suas experiências do passado, trazendo suas representações com imagens e idéias através de suas relações na sociedade com outros grupos.

Ajudaram também como suportes teóricos para dar embasamento a esta pesquisa os diversos autores e suas respectivas obras os quais destacamos, dentre eles o já citado Roger Chartier de quem se discute o conceito de representação; O Dicionário do Folclore de Câmara Cascudo para conceituar o termo “rezadeira”. E, como referencial metodológico foi utilizado a obra de Paul Thompson, *a Voz do Passado*, útil na discussão da importância da fonte oral, pois para ele esta é tão antiga quanto à própria história, assim a entrevista como fonte oral pode ser um meio de transformação, pode abrir possibilidades essenciais para escrever a história, por isso a utilizei para registrar as experiências das rezadeiras.

O que é cultura popular, de Antonio Augusto Arantes foi um texto importante para entender que, não se pode excluir as práticas de caráter “popular”, pois no nosso dia-a-dia encontramos variada combinação de costumes. A cultura popular surge para intermediar tal “diferença”, pois busca dialogar com a cultura erudita, fazendo uma análise mais específica sobre suas origens e significados, fundamental para seu entendimento nos dias atuais. No caso das rezadeiras jacuipenses buscou-se reconhecer suas práticas como manifestação cultural, visto que a cultura está ainda em processo e, segundo o autor, é necessário torná-lo mais acessível ao público. Junto a este trabalho de Arantes, o ensaio de Peter Burke *O que é História Cultural* ajudou também no trato com o conceito de cultura, visto que a consciência de cultura tanto pode ser instrumento de conservação como de transformação social, ajudou a entender como foi construída a representação das rezadeiras.

Para entender sobre a religiosidade das rezadeiras e sua importância para a realização dos seus trabalhos foi utilizado o segundo capítulo da obra *Religião e declínio da magia* de Keith Thomas que fala da magia na Idade Média. Nele são abordados o curandeirismo, a magia popular e a magia religiosa, podendo estender seus exemplos à contemporaneidade.

¹⁵CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Lisboa: Difel, 1990. p.16,17.

Na obra *Religião e cultura popular*, de Victor Vincent, foi analisado o tópico sobre catolicismo e cultura, o autor afirma que as tradições culturais são formadas pela reinvenção e não pela simples transposição de um contexto para outro. Diante de tal informação o estudo das religiões é um importante meio para incluir as rezadeiras nas raízes culturais e históricas da sociedade contemporâneas, pois é uma linguagem que o povo domina. Fala sobre as benzedeadas que tem a função diferente das rezadeiras, mas são semelhantes na medida em que buscam atender as necessidades dos que acreditam por meio de rezas. Assim, enquanto as benzedeadas previnem um mal, as rezadeiras cuidam para tirar um mal já adquirido.

Para entender o local das rezadeiras foi importante o diálogo com Laura de Mello e Souza, com a segunda parte de seu livro *Diabo e a Terra de Santa Cruz*, que fala da feitiçaria, praticas mágicas e vida cotidiana. Segundo a historiadora foram praticadas pela população marginalizada, predominantemente africana, que tiveram suas manifestações de cultura reprimidas pela camada dominante através da pretensa hegemonia da doutrina católica. Entretanto, a feitiçaria e religiosidade na colônia não deixaram de fazer parte da vida colonial.

No capítulo quatro, *Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu*, do livro *História da Vida Privada no Brasil*, tomo I, organizado pela mesma Laura de Mello e Souza e Fernando Novais, o antropólogo Luiz Mott discute como uma relação entre culturas tão distintas permitiu a hibridização, buscando conhecer suas peculiaridades nos modos de culto, ao mesmo tempo em que analisa as formas de resistência e aceitação ao pensar o outro. O texto ajudou a entender a origem das rezadeiras no Brasil e a refletir sobre o porquê de sua exclusão hoje na sociedade.

Sendo assim, este artigo também fala sobre a importância de reconhecer a arte de rezar como cultura, refletindo sobre o porquê de sua exclusão hoje no município baiano de Riachão do Jacuípe. Logo em seguida faz-se uma breve discussão sobre representação com intuito de inserir as rezadeiras na cultura local; depois as rezadeiras são apresentadas reconstruindo suas histórias a partir de suas oralidades; posteriormente, são descritas as principais rezas utilizadas por elas e suas principais características enquanto rezadeiras; no último, são transcritas as duas rezas mais praticadas pelas rezadeiras de Riachão, fazendo comparações com as rezas do período colonial.

UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE REPRESENTAÇÃO DAS REZADEIRAS

As rezadeiras fazem parte de um mesmo grupo sociocultural cuja origem heterogênea envolve elementos da cultura européia, indígena e principalmente africana de diversas matrizes; pertencem ao catolicismo popular que tem poder religioso não institucionalizado como é atribuída a Igreja Católica, considerando assim suas manifestações como credices marcadas pela exclusão. Situam-se na margem da sociedade, pois é confirmada a maior presença delas nos bairros periféricos da cidade e na zona rural do município; realizam seus trabalhos em suas próprias casas, mas afirmam suas existências em cada canto da cidade. Deste modo, direcionar uma reflexão das suas ações executadas e convertidas em benefícios para aqueles que acreditam nos seus trabalhos será significativo ao entendimento de sua contribuição social.

Assim podem-se representar as rezadeiras como mulheres de nível social baixo, negras que ajudam pessoas de sua comunidade através da reza, segundo uma pessoa católica:

As rezadeiras são pessoas que por meio da oração ou prece suplica a Deus pela saúde de algum enfermo, através de orações ensinadas e decoradas ou espontâneas, as pessoas da elite recorre as rezadeiras nos casos extremos, a rezadeira é bíblica faz por caridade, com fé para servir alguém¹⁶,

Diante de tal afirmação é admissível dizer que os conhecimentos da rezadeiras são provenientes do catolicismo popular, pois estas se identificam como católicas por trazerem consigo características similares como o serem devotas de santos e trazerem oratórios em suas casas onde seus santos são bem expostos, e pronunciarem os mesmos textos de rezas, modificando apenas algumas palavras. Ao entrevistá-las ficou perceptível que todas são devotas de Cosme e Damião, santos representantes da saúde.

Outro aspecto importante a observar é que no oratório da rezadeira Arlinda existem imagens de santos negros como de Nossa Senhora Aparecida, junto à entidade do candomblé conhecida como Preto Velho, além de imagens de Iansã e Janaina, também entidades espirituais do candomblé. Percebe-se assim que o ofício das rezadeiras está intimamente ligado ao curandeirismo assim como desde o tempo da colônia, sua cultura é marcada pelo sincretismo religioso.

¹⁶Pessoa católica que respondeu ao questionário.

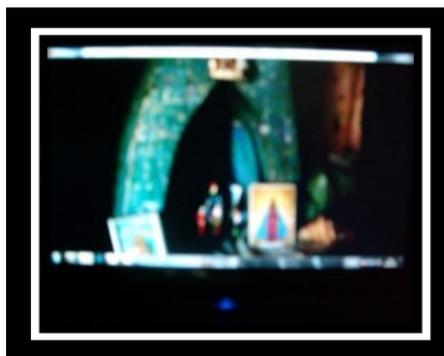
Vemos abaixo a rezadeira Arlinda e o seu oratório. Ainda que não possamos visualizar direito seus santos, notamos a imagem de Cosme e Damião, e dois “santinhos” sendo um de Nossa Senhora Aparecida.

Figura 1: A autora e a rezadeira Arlinda



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 2. Oratório da rezadeira Arlinda.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Logo, pode-se definir representação como “uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”¹⁷. Dessa forma, apresentar as rezadeiras como pessoas notáveis na história cultural dos jacuipenses faz-se indispensável para entender como elas são importantes para a comunidade. Afinal, falar em representação é buscar conhecer melhor a forma como um grupo de rezadeiras construiu e constrói seus saberes e que expressa ajudando sua comunidade. A ideia de representação nas palavras de Marilza Mestre e Rita Pinotti de acordo o pensamento de Roger Chartier possibilita tornar “desconhecido em familiar e o familiar em desconhecido”¹⁸, pois caminhando pelas palavras de Chartier, Alaize Conceição considera que:

a representação do real, construída pelos diferentes grupos sociais tende a justificar e a legitimar o lugar social ocupado, ou seja, representar significa à tentativa de impor

¹⁷MOSCOVICI, S. Representações Sociais: investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.p. 404.

¹⁸ MESTRE ,Marilza PINOTTI, Rita de Cássia. As representações sociais e o inconsciente coletivo: um diálogo entre duas linhas teóricas. Revista eletrônica de psicologia, Curitiba, n. 04,p.1-10., jul. 2004. www.utp.br/psico.utp.online.

aos demais grupos sociais as apreensões particulares que objetiva-se transformar em homogêneas¹⁹.

Diante disso, pode-se afirmar que as rezadeiras se encontram num lugar marcado por características próprias. Essa característica define sua personalidade, que através de suas crenças e valores estabelece e define seu ofício. Esses valores e crenças acabam sendo modelados pelo grupo social dominante que por sua vez determina o que é certo e errado numa determinada sociedade. Chartier afirma ainda que:

as identidades sociais como resultando sempre de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detém o poder de classificar e de nomear e a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma; e ainda que o recorte social[...] como a tradução do crédito conferido à representação que cada grupo dá de si mesmo[...]²⁰.

Assim, a representação possibilitou ver o que está oculto na cultura das rezadeiras. Pertencente a um grupo social comum e atuante do catolicismo popular, como já foi dito anteriormente, reúne elementos integrantes de crenças indígenas, européias e especialmente a africana, procurando manipular o sobrenatural para um proveito imediato. Sendo assim, como afirma Chartier “a representação é inseparável da prática: a prática é uma ação no mundo que faz reconhecer o lugar social do indivíduo”. Isso fica explícito ao analisar a fala de uma das rezadeiras que faz a seguinte explanação:

“A gente pode trabalhar para você, mas a gente cobra sempre porque não somos representadas, todas as festas, o pessoal tá, do samba da capoeira nós não tá [sic], [...] agente não somos representada porque, tem uma brincadeira no sindicato, na escola, associação que vai falar sobre cultura agente não tá por quê? [...] Em Salvador tem porque aqui não tem eventos que valorize a cultura das rezadeiras e do candomblé será que aqui na região da gente não tem pessoas que faz o trabalho que eu faço [...] eu quero que você me represente como pessoas de bem, que nós somos de bem [...] (Arlinda). “uma vez os médicos de fora veio aqui em casa e me fez um monte de perguntas, das minhas rezas e as plantas que eu tenho aqui que é medical eles pegaram mudas das plantas e falou que era pra eu ir na frente da igreja que eles ia falar meu nome, eu fui, esperei, esperei, e eles não falou, falou da plantas mostrou mas não falou meu nome” [Crispiniana].²¹

As rezadeiras manifestam uma angústia de não terem seus trabalhos reconhecidos como parte da cultura do município; elas têm consciência de sua importância como cultura, pois no caso da rezadeira Arlinda, foi capaz de identificar essas manifestações em Salvador

¹⁹ CONCEIÇÃO, Alaíze dos Santos. Ser Rezadeira: saberes e práticas culturais de mulheres no Recôncavo. Gov. Mangabeira, Recôncavo sul da Bahia (1950-1970). ANAIS X Encontro Nacional de História Oral. Recife: UFPE, 2010. [s. n. p.]

²⁰ CHARTIER, R. O Mundo Como Representação. In: *Estudos Avançados* 11(5). 1991.p.64.

²¹ Depoimento das rezadeiras Arlinda e Crispiniana.

onde em que se valoriza muito a cultura afro-brasileira; e que falta em Riachão, esse reconhecimento por parte das pessoas que se sentem representantes da cultura dominante no município.

Diante disso, representar as rezadeiras possibilitou entender sua contribuição como manifestação cultural no município de Riachão do Jacuípe, pois segundo Guareschi,

São muitos os elementos que costumam está presente na noção de RS [representação social]. Nelas há elementos dinâmicos e explicativos, tanto na realidade social, física ou cultural; elas possuem uma dimensão histórica e transformadora; nelas estão presentes aspectos culturais, cognitivos e valorativos, isto é ideológicos. Esses elementos das RS estão sempre presentes nos objetos e nos sujeitos; por isso as RS são sempre relacionais, e, portanto sociais.²²

Isto nos leva a entender o porquê da história das rezadeiras de Riachão do Jacuípe não ser reconhecida: sua história está atrelada a mentalidade herdada do período colonial que se configurou nos arredores de Riachão do Jacuípe, pois os locais distantes possibilitavam a permanência de suas culturas uma vez que suas manifestações eram proibidas pela igreja católica. Aqueles que não seguiam o modelo imposto pelos colonizadores europeus eram vistos como feiticeiros e suas práticas como “coisa do demônio” e como pecado. Ao perguntar sobre as rezadeiras, Diz o evangélico: “Não sei de suas existências na comunidade, as discriminações não esta só nas rezadeiras, mas também nos evangélicos, drogados, pobres etc., só acredito na cultura de Jesus Cristo”.²³

Portanto, diante de tal afirmação, fica claro que esse imaginário permanece em nosso meio. Ao situar espacialmente as rezadeiras, percebe-se que elas se encontram as margens sociais da cidade, mesmo não sendo proibidas de rezarem muitos ignoram seus trabalhos e suas presenças na comunidade jacuipense. São, por seguinte, ocultadas, silenciadas, como muitas minorias da região sisaleira.

REZADEIRAS QUEM SÃO ELAS?

Os trabalhos das rezadeiras são perceptíveis desde a Idade Média, mas destacam-se na época moderna, mais precisamente na Inglaterra dos séculos XVI e XVII. As pessoas que realizavam algum tipo de serviços de cura de doenças através das rezas recebiam várias

²²JUNG, Carl Gustav. **O Homem E Seus Símbolos**. Rio de Janeiro: Aldus, 1964. p.3-36.

²³Pessoa evangélica que respondeu ao questionário.

denominações como curandeiro, encantadores, benzedeadas, feiticeiros ou bruxos. Eram pessoas que através das experiências acumuladas herdadas dos mais velhos realizavam rituais de curas através de rezas, como afirmam Keith Thomas: “Na maioria dos casos, portanto, o mago era simplesmente um benzedor ou enfeitizador que murmurava algumas palavras sobre a parte afetada do corpo ou escrevia as fórmulas terapêuticas num pedaço de papel”.²⁴

Assim, é observada a transmissão da prática da reza por gerações, sofrendo algumas modificações de acordo o tempo e o lugar que elas vivem. Segundo uma pessoa católica, simpatizante do espiritismo:

As rezadeiras têm todas as culturas: do negro do português e do índio, é através da fé e das suas orações que podemos observar o êxito de seus trabalhos, elas aprenderam com seus ancestrais, e tem o dom de ajudar seus irmãos através da oração, muito por ignorância outras por fanatismo religioso discriminam. Podemos dizer que é uma cultura, pois tem atravessado gerações e gerações. Esta cultura deve ser ensinada para pessoas da família, para que seus descendentes continuem auxiliando aqueles que buscam a cura através das orações.²⁵

Com esta afirmação pode-se asseverar que as rezadeiras de Riachão do Jacuípe pertencem a um grupo específico e que realiza seus rituais em benefício das pessoas da sua comunidade. Câmara Cascudo apresenta uma definição sobre rezadeiras em seu dicionário do folclore “Mulher, geralmente idosa, quem tem ‘poderes de cura’ por meio de benzimento”.²⁶ É importante ressaltar que as rezadeiras de Riachão do Jacuípe trazem essas características, pois todas já têm mais de sessenta anos de idade, suas rezas buscam aliviar dores daqueles que acreditam em seus ofícios, como enfatiza Crispiniana, uma antiga rezadeira, que mora no Bairro Cleriston Andrade:

“os trabalhos que eu faço não cobro em nada, faço para o bem e caridade das pessoas que me procura, rezo de olhado quebrante, vento, mufina, desmintidura, dor de cabeça, ventosidade, todos que eu rezo se cura e voltam para me agradecer, e toda vez que fica doente me procura”²⁷.

Diante do depoimento de Crispiniana fica evidente que rituais de magias ainda são bastante comuns no município de Riachão do Jacuípe. O que difere é a denominação, neste caso rezas. Esses rituais oferecem de certa forma, algum tipo de alívio e bem estar. Na Idade Média esses rituais aconteciam devido à falta de médico para atender toda a comunidade, a

²⁴ THOMAS, Keith. **Religião e Declínio da Magia**: crenças populares na Inglaterra séculos XVI e XVII. SP. Cia das Letras, 1991.p.160.

²⁵ Pessoa católica que respondeu ao questionário.

²⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10. ed. São Paulo: Global, 2001.p.587.

²⁷ Rezadeira de 77 anos de idade, negra, natural de Salvador, mas já tem 50 anos que mora em Riachão do Jacuípe, é muito procurada pelos jacuipenses.

medicina popular acabava aliviando pessoas que não podiam ser beneficiadas com o atendimento. Keith Thomas relata que:

Fundados na experiência acumulada da assistência a partos e doenças, combinados com um conhecimento herdado sobre as propriedades terapêuticas das plantas e minerais. Mas também incluía certos tipos de cura ritual onde as rezas, fórmulas mágicas ou sortilégios acompanhavam o medicamento ou até compunha sozinhas a forma exclusiva de tratamento²⁸.

Na comunidade jacuipense também foi assim. Por falta de médico e de hospitais que atendesse a população carente nas décadas de 1930, 1940 e 1950, pois a cidade ainda estava se desenvolvendo, o atendimento era precário, coube as rezadeiras desempenharem um papel muito importante de curar os males do corpo e do espírito através da fé. Como o único recurso ao seu alcance, muitas pessoas carentes procuravam as rezadeiras ou curandeiros para conseguir amenizar suas dores, como adverte a fala de José, pessoa que viveu nesta época:

Figura 3. José, vítima de paralisia infantil.



Eu tive paralisia infantil na década de 50 naquele tempo não tinha médico que atendesse sem pagar, até pago era difícil se consultar com o médico em Riachão, e também paralisia não tinha cura, minha mãe era rezadeira mandou chamar um rezador famoso na minha comunidade, ele me rezou e falou que eu iria andar, mas ia ficar com deficiência, ai com as forças de Cosme e Damião que é o chefe da medicina ele me rezou [...] antigamente as pessoas dizia fulano teve congestão já era a paralisia que naquele tempo não tinha a vacina. Hoje sou devoto de Cosme e Damião e acredito no poder das rezas²⁹.

Dessa forma, as pessoas que não tinham recursos financeiros eram quem mais recorriam às rezadeiras. Segundo Arlinda, rezadeira da zona rural de Riachão: “Antigamente não tinha médico quem fazia os remédios como até hoje faz era os índios e os negros, por que nós sabe [sic] onde ta as cascas de pau”³⁰. Assim, percebe-se que a rezadeiras além de rezarem passam receitas de remédios naturais com plantas medicinais, como nos tempos da colônia. Hoje, mesmo com hospitais e médicos que dão assistência aos doentes, muitos procuram as rezadeiras por acreditarem em seus trabalhos como profissão de fé, segundo a

²⁸ THOMAS, Keith. **Religião e Declínio da Magia**: crenças populares na Inglaterra séculos XVI e XVII. SP. Cia das Letras, 1991.p.156.

²⁹ Filho de rezadeira teve paralisia e segundo ele não ficou paraplégico por causa das rezas.

³⁰ Rezadeira da zona rural de Riachão

rezadeira Crispiniana “existe dor que só a reza pode curar”³¹ só que no lugar tem médico elas não pode realizar seus trabalhos só se os médicos permitirem. Já Arlinda afirma:

“os médicos não ignora quando eu estava com meu esposo lá as pessoas me pedia pra rezar [...] o ramo o médicos não dá jeito não eles mandar procurar uma pessoa particular, eles não fala o nome da gente não ele chama de particular, particular já sabe rezador.

Aqui fica evidente a importância das rezadeiras no município sendo procuradas para curar doenças cuja cura é desconhecida pelos médicos. Essas mulheres se encontram no anonimato ao analisar a forma como os médicos tratam, não querendo se comprometer com o trabalho das rezadeiras, mas deixa transparecer sua existência e seu valor na comunidade jacuipense.

Outra característica semelhante à época moderna é o uso de plantas e minerais na hora da reza. O poder das plantas e dos minerais acompanha também as rezas praticadas pelas rezadeiras de Riachão: “Para rezar tem que ter folha verde que é o ramo que Deus deixou para ajudar as pessoas e água que tem energias positivas”³². Verifica-se então que as rezadeiras de Riachão do Jacuípe começam a se configurar apresentando suas especificidades e características próprias. Segundo Halbwachs:

[...] a religião se expressa sob formas simbólicas que se desdobram e se aproximam no espaço: é somente assim que temos a certeza de que ela subsiste. [...] Qualquer religião tem também a sua história, ou melhor, há uma memória religiosa feita de tradições que remontam a eventos muito distantes no passado, que aconteceram em determinados lugares (...).³³

Observa-se que esse grupo de mulheres faz parte do catolicismo popular, teve seu começo aqui no Brasil no período colonial enfrentando dificuldades por tentarem proibir que sua cultura se manifestasse e se ampliasse, pois segundo Vincent:

combatidos por alguns setores do clero como magia ou superstição, e idealizados por outros pelo seu caráter popular e laico, os agentes religiosos populares exercem uma função sacerdotal de intermediário entre o sagrado e profano dentro de um sistema de crença e ritual pouco institucionalizado.³⁴

³¹ Rezadeira de 75 anos, negra, mora em Riachão há 35 anos.

³² Rezadeira, de 66 anos, negra, mora na Fazenda Cruz de Riachão.

³³ HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.p.18

³⁴ VALLA, Vincent, Victor (org.). **Religião e cultura popular**. Rio de Janeiro: DP &, 2001.p.28

Fica evidenciado, portanto, que a cultura das rezadeiras é marcada pela exclusão e que ao longo do tempo teve seu direito de manifestação reprimido, por representar ameaça como afirma Laura de Mello e Souza: “reprimindo a magia africana, cerceavam-se as possibilidades de manifestação de uma cultura própria, específica, que a do negro e, mais grave ainda, era a do escravo, que poderia ameaçar a ordem vigente”³⁵. Ao responder ao questionário que foi elaborado para compor nossa fonte de pesquisa, uma pessoa católica escreveu: “a maioria das rezadeiras viveram no ambiente de exclusão, como pobreza, no momento da agonia, da dor, o curador ou rezador seria o médico da comunidade”³⁶.

Hoje as rezadeiras de Riachão podem realizar suas rezas em qualquer lugar, seja em suas casas, ou na rua principalmente. Inclusive, a rezadeira Arlinda é feirante e as pessoas a procuram na feira com grande frequência para serem rezadas. Porém as rezas ainda não são reconhecidas como manifestação cultural por parte de uma parcela da população jacuipense. Ao aplicar o questionário a uma pessoa evangélica, esta responde: “Pode ser considerada cultura é algum que as pessoas preservam e valorizam, mas particularmente não acho importante”³⁷.

Na sociedade que tendo seu conhecimento advindo da própria comunidade que preserva suas práticas, Vincent acrescenta:

Para além da face mais pública do catolicismo tradicional, que se manifesta nos rituais de peregrinação e nas festas populares, há uma que esta afeita às relações pessoais que presidem a convivência entre as pessoas nas comunidades locais e na vida familiar. Nessa dimensão mais estrutural da vida social vamos encontrar muitos benzedores e benzedoras, rezadores e rezadeiras que atende as necessidades dos fieis de ritos que se realizam em suas casas³⁸.

É com esse cenário que se apresentam as rezadeiras de Riachão. Arlinda faz a seguinte afirmativa: “nós faz parte do catolicismo, nós somos da religião católica”. Praticando seus rituais em suas próprias casas, essas mulheres ajudam pessoas que acreditam e confiam nos seus trabalhos, crença essa que dá eficácia e sustentação as práticas e o acreditar do próprio grupo que acaba refletindo naqueles que crer. Nesta direção Vincent esclarece:

[...] Ocorrendo quase sempre no âmbito privado das casas dos benzedores e benzedoras esses rituais tem uma dimensão pública na medida em que pertencem a um sistema religioso socialmente construído e reproduzido pela comunidade de crença. Não pode ser visto como superstições ou desvios daquilo que seria

³⁵SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.p. 15.

³⁶ Pessoa católica que respondeu ao questionário.

³⁷ Pessoa evangélica que respondeu ao questionário.

³⁸ VALLA, Vincent Victor (org.). **Religião e cultura popular**. Rio de Janeiro: DP &, 2001. p.25.

verdadeira religião, mas como outra forma de organização e expressão do sagrado, ou melhor, da religião possível entre coisas pertencentes a esta dimensão da vida social e aquelas identificadas como profanas e pertencente ao mundo³⁹.

No Brasil colonial as rezadeiras não poderiam fazer seus rituais em público, pois, a Igreja Católica trazida pelos colonizadores praticava cerimônias e rituais públicos a fim de controlar e manter sobre domínio a sua religião. As missas aos domingos e dias santos era uma das formas de obrigarem todos seguirem o que estava sendo imposto pela cultura européia católica, porém mesmo proibido de qualquer forma de manifestação religiosa, as rezadeiras, assim como as curandeiras, conseguem desenvolver suas crenças nos arredores da colônia ou em um ambiente fechado em suas próprias casas, pois era uma forma segura de realizarem seus trabalhos e não serem punidas. Assim qualquer pessoa que seguissem outra forma de manifestação religiosa poderia ser condenada através da Igreja pelo Tribunal da Inquisição sendo acusado de bruxaria e feitiçaria. Isto pode ser constatado na fala de Luiz Mott:

Malgrado a preocupação da Inquisição e da própria legislação real, proibindo a prática das feiteiras e superstições, no Brasil antigo, em toda rua, povoado, bairro rural ou freguesia, lá estavam as rezadeiras, benzedoras e adivinhos prestando tão valorizados serviços à vizinhança.⁴⁰

De tal modo, compreende-se que a Igreja Católica sempre tentou proibir as manifestações antagônicas. Seu poder de domínio através de ideologias combatia as demais formas de manifestações religiosas principalmente formadas pelos negros e indígenas. Muitos foram condenados de sortilégios e devoção proibida da “Santa Madre Igreja”, ou excomungados considerado pecado grave mortal, que só poderia ser perdoado com a permissão de uma autoridade eclesiástica, caso contrário poderia ser degredado para a África.

Vale ressaltar que apesar de serem reprimidas existiram muitas mulheres que praticavam a reza. Luiz Mott cita vários casos:

[...] Joana, também parda, mas forra, benzia quebranto, olhado, carne-quebrada, ventre caído e bicheira, e Maria da Cruz, de igual condição, benzia olhado e carne quebrada... A viúva Tereza de Barros, preta forra, benzia olhado, curava bicheira e tirava sol e carne-quebrada com novelo e agulha[...]⁴¹

³⁹ Idem. p. 24.

⁴⁰ MOTT, Luiz. Cotidiano e convivência religiosa: entre a capela e o calundu. In SOUZA, Laura de Mello e; NOVAIS, Fernando (org.). **História da vida privada no Brasil**- Cotidiano e vida privada na América portuguesa. Vol.1 São Paulo: Companhia das letras, 1997. p. 194.

⁴¹ Idem, ibidem.

Em Riachão, as rezadeiras também praticam essas rezas e convivem com pessoas que consideram suas práticas como coisa ruim. Na colônia era a igreja católica que reprimia. Hoje na comunidade jacuipense os evangélicos condenam muito mais, isto fica claro na voz das rezadeiras:

Eu tinha oratório de santos, mas os crentes quebraram [...] Muitas pessoas falavam que vocês quebram os santuários dela mais não quebra a força, não quebra mesmo o que Deus da ninguém tira [...] não tão conhecendo agente como pessoa de alguma categoria, eu nunca vir chamar ninguém em lugar nenhum, só você que eu to vendo aqui [...] (Arlinda). Tinha meus orixás, mas só crente me mandou quebrar que era coisa do diabo, ai eu peguei e dei a minha “mãe” Ana [Crispiniana]⁴³.

Observa-se que as rezadeiras têm seus direitos de manifestações reprimidos, elas não são proibidas de realizarem as rezas, mas são mal vistas por uma parcela da população. Quando se faz alguma representação sobre as manifestações culturais de Riachão elas nunca estão presentes, simplesmente ignoram suas existências. Veja o que diz uma pessoa evangélica que respondeu ao questionário:

Figura 4- rezadeira Crispiniana

Fonte: Acervo particular da autora



Sei que existe, mas não conheço nenhuma, nós só usamos o nome de Jesus nas orações, elas costumam rezar de mau olhado, espinhela caída, outras, seus ritos são bem parecido com as dos africanos, utilizam folhas e repetição de palavras, não é uma oração bíblicamente correta porque traz nomes de santos, aprenderam com familiares ou pessoas da própria comunidade, as rezadeiras são pessoas que não se libertou ainda das crendices e religiosidade⁴⁴.

⁴² Curandeira de Riachão, Crispiniana considera como mãe, pois já participou de seu terreiro.

⁴³ Rezadeiras simpatizantes do candomblé.

⁴⁴ Pessoa evangélica que respondeu ao questionário.

Percebe-se nesta fala que a pessoa reconhece a existência de rezadeiras no município, sabe quais as rezas costumam praticar, porém fica implícita na fala certa exclusão. Ao se referir à reza como rito africano subte-se que apesar de reconhecer as rezadeiras na comunidade, vê-se a prática como algo que precisa acabar por não considerar como religião.

EM CENA: AS REZADEIRAS

Várias são as formas de rezas praticadas pelas rezadeiras de Riachão do Jacuípe como para olhado (ou quebranto), que é uma doença causada pela energia negativa do olhar de pessoas invejosas ou maldosas. Muitas vezes não é intencional, mas sua força pode esmorecer o alvo, causando sintomas de depressão, como angústia, pessimismo, nervosismo exagerado e até insônia ou muito sono. Sabe-se que foi atingido quando de repente a pessoa começa a espirrar e bocejar sem parar. A cura é feita com folhas verdes e reza e se as folhas murcharem, ou a rezadeira ficar bocejando, a pessoa esta com olhado.

Outro motivo para rezar é o acometimento de Vento ou Ventre Virado mais comum em crianças, geralmente consequência da brincadeira de jogá-la para o alto. Basicamente é a fixação de uma força maior do que se está habituado. Causa mal estar, vômito e diarreia. As benzedoras depois de rezar viram a criança de cabeça para baixo e batem nas solas dos pés para que o ventre da criança volte por lugar.

Há ainda rezas para dor de cabeça, enxaqueca (como se referem “sol e sereno”). Coloca-se uma toalha branca dobrada sobre a cabeça do doente, uma garrafa branca cheia de água era emborcada sobre a toalha. Se subissem bolhinhas de água dentro da garrafa, era sinal de que a pessoa estaria de “sol e sereno”. Então a rezadeira começava a rezar.

Desmentidura ou carne traída são dores nos músculos ou torções dos membros, geralmente as pessoas sentem dores no local e inchaço, pode acontecer através de mau jeito torções ou queda, se a torção for ao pé ou na mão a rezadeira pisa três vezes; outro mal estar cuja cura é feita com rezas.

O ramo é outro termo usado pelas rezadeiras e para o que elas rezam. Acontece quando uma pessoa está dormindo e sai no lugar que esta ventando, ou toma água com o corpo ainda quente por está dormindo, a pessoa sente dor de cabeça, os olhos ficam inchados, se for muito forte a pessoa pode ter paralisia no rosto ou em um lado do corpo. A rezadeira realiza a reza também com folhas.

Figura 5- rezadeira Elzira

Fonte: acervo particular da autora



Espinhela caída, uma das crises agudas de patologias na coluna ou outros ossos e articulações do corpo, mais conhecidas sua cura pela reza. Acontece quando a pessoa faz um esforço físico brusco, geralmente sente dores na área do tórax e dores nos braços. Ao rezar a rezadeira estica o cordão de um dedo polegar da mão esquerda até o polegar da mão direita; dobra o cordão ao meio e mede-se se o tórax da pessoa. Se as pontas dos cordões ultrapassarem, a pessoa não teve a espinhela caída. Se ficassem um

lugar ente as duas pontas, a pessoa está com a espinhela caída ou com o peito aberto.

Vale ressaltar, que as rezas reafirmam as permanências das crenças, que estão fortemente ligadas com o comportamento da comunidade, pois ao procurá-las, ira repetir suas experiências, que conseqüentemente fortalecem suas práticas. Dentre todas as rezas citadas a de olhado e de quebranto são as mais praticadas pelas rezadeiras.

As rezadeiras de Riachão apresentam algumas cautelas quanto ao horário das práticas das rezas. Nas entrevistas as rezadeiras relataram que não se pode rezar ao meio dia. Para Crispiniana “meio dia é hora dos inimigos”, já para Elzira “o que não presta anda nessa hora”. Porém outra afirmação interessante é da rezadeira Arlinda ela diz que “meio dia nem Jesus andou”. Quando se insiste perguntando por que, ela afirma que “meio dia ficou para descansar assim como qualquer outra profissão”. Em vista dos argumentos apresentados, é notório que a cultura das rezadeiras é marcada por símbolos que configuram sua identidade.

Segundo Mott “alguns adeptos dos rituais africanos optaram por instalar seus locais de cultos distante da povoação, para estar mais próximo das águas e de florestas por ser um lugar propício para o contato com os deuses africanos”⁴⁵. Esse afirmativo fica bem claro no depoimento da rezadeira Arlinda:

[...] minha riqueza faz parte dos índios, entendeu. [...] não me importo com ouro, não me importo com riqueza, não me importo com nada, meu negócio é na selva, se eu levar um minuto aqui ou dois [...] se sai é mesmo que está no céu [...] caminhando por rio, caminhando por mato, mais em casa não gosto sou contra [...].

⁴⁵ MOTT, Luiz. Cotidiano e convivência religiosa: entre a capela e o calundu. In SOUZA, Laura de Mello e; NOVAIS, Fernando (org.). **História da vida privada no Brasil**- Cotidiano e vida privada na América portuguesa. Vol.1 São Paulo: Companhia das letras, 1997.p.206.

Figura 6- A rezadeira Arlinda em frente a sua casa

Fonte: acervo particular da autora



"Foram muitos os curandeiros do Brasil colonial, africanos, índios e mestiços que tinham conhecimento de ervas e exibiam os procedimentos rituais específicos ao seu universo cultural atrelando seu acervo europeu a medicina popular",⁴⁶ na Europa era freqüente a prática de pessoas do sexo masculino, já no Brasil essas práticas são mais exercido por mulheres, devido seu cuidado com a roça e com seus filhos. Ao entrevistar Arlinda, fica evidente como se deu a entrada dessas práticas no Brasil ao perguntar a com quem aprendeu a rezar:

De geração em geração [...] é geração minha família faz parte mais dá África, entendeu, porque os portugueses quando vieram para o Brasil, eles trouxe [sic] para a nossa nação, mais os africanos já trouxeram essa nação, então se misturou, com os índios e criou uma só nação, caboclo que somos nós com os índios [...]

Laura de Mello e Souza deixa pistas que: "No nordeste brasileiro, ainda hoje se conservam fórmulas mágicas, para combater quebrando e mau-olhado como nos tempos coloniais"⁴⁷.

Diante de tal afirmativa podemos dizer que cultura das rezadeiras de Riachão do Jacuípe guarda ainda hoje, os resquícios da colônia e conserva a arte de curar através de rezas, ao observamos as rezas descritas nas páginas seguintes perceberemos as suas semelhanças.

⁴⁶SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.p. 166.

⁴⁷ Idem. p.180.

A REZA

No Brasil desde o período colonial já existia a cura de quebranto, mau olhado que “para combatê-los, benzia o corpo do paciente com o dedo índice [sic] e polegar, ou então com a cruz de seu rosário fazia as cruzas e dizia, fulana com dois te deram com três eu tiro, em nome de Deus e da Virgem Maria, a seguir rezava um padre-nosso, uma Ave-Maria e um gloria para a sagrada paixão e morte de Jesus”⁴⁸. Para uma pessoa católica que respondeu ao questionário:

As rezadeiras utilizam plantas medicinais, remédios naturais, as plantas são utilizadas por aqueles que cultivam a sabedoria dos antepassados, conheço varias rezadeiras, quando me sentia atingido por alguma influência negativa de inveja a oração das rezadeiras era um meio de me proteger.⁴⁹

Assim, o uso de palavras de gestos e plantas caracteriza o momento dedicado a reza, que é utilizada para ajudar a pessoa que confia no trabalho das rezadeiras. Ao analisar a reza de olhado, quebranto feito pela rezadeira Crispiniana e Elzira, percebe-se que se assemelha bastante com as rezas utilizada no período colonial, veja o que diz a reza.

Figura 7- Rezadeira Crispiniana rezando

Fonte: Acervo particular da autora



Em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo, amém Jesus.
 Fulana com dois te botaram com três eu tiro com o nome de Jesus,
 José e Maria eu tiro olhado quebrante,
 olhado dado olhado vencido será retirado para ondas do mar sagrado,
 que retiram todos sete todos catorze todos vinte e um.

Estou te rezando com a mão da divina providência
 e a virgem da Conceição ela com guia.
 Fulana tenha paz na tua guia tem a paz na tua companhia,

⁴⁸ Idem. p.179.

⁴⁹ Pessoa católica que respondeu ao questionário.

valei meu Senhor Jesus Cristo.

Fulana com dois te botaram com três eu tiro,
com o nome de Jesus José e Maria tiro olhado quebrante,
olhos maus olhos vencidos.

Fulana com dois te botaram com três eu tiro,
em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo eu tiro olhado quebrante...
Se te botaram em teu andar eu tiro,
se te botaram no teu comer eu tiro,
se te botaram de usura de ódio de mal querença eu tiro,
será retirado com as palavras do pai do filho do espírito santo, amém Jesus.

Fulana o sangue do senhor te protega, que o sangue de Jesus na sepultura.
valei Jesus José e Maria e valei no alto da cruz de nosso senhor Jesus.

Fulana o sangue que Jesus derramou na cruz este sangue é que vai te curar,
fulana o sangue que Jesus derramou sobre a terra é que vai te libertar,
em nome do pai do filho e do Espírito Santo, amém Jesus.

Pai Nosso que estais nos céus, santificado seja o vosso nome,
vem a nos vosso reino seja feita a sua vontade assim na terra como no céu,
o pão nosso de cada dia nos dais hoje senhor,perduais as nossas ofensas,
assim com nos perdamos a quem aquele que nos tem ofendido,
não deixeis cair em tentação mais livrai do mal

Ave -Maria cheia de graças o senhor e convosco bendito sois vois,
esta que estais no céu e bendito é o fruto do teu ventre Jesus,
Santa Maria mãe de Deus rogamos a Deus por nos pecadores,
agora e na hora de vossa morte amém.

Este oferecimento ao Pai Nosso e Ave- Maria Santa Maria,
estou oferecendo a meu Santo Deus vivo do céu,
oferecendo ao Nosso Senhor Jesus Cristo filho de Deus,
e também a Virgem Mãe de nosso Senhor Jesus Cristo,
ele nasceu, ele sofreu, ele padeceu, pelos seus sofrimentos,

fulana também há de sofrer há de padecer,
mas a Virgem Maria Virgem terá o poder de tirar,
todo que te botarem será retirado com os poderes de Deus e da virgem Maria.

Estou oferecendo o pai nosso com a ave Maria e Santa Maria,
com sagrada caridade morte paixão de Jesus Cristo.

Com Deus rezei com Deus tu estarás rezado,
com a graça de deus e do divino Espírito Santo.

Porque com Deus eu comecei com deus eu termino,
com as graças de nosso senhor Jesus Cristo com pai deus seja louvado,
amém Jesus graças a Deus.

Assim ao analisar a reza de olhado, percebe que o refrão:

Com dois te botaram com três eu tiro,
Com o nome de Jesus José e Maria tiro olhado quebrante,
Olhos maus olhos vencidos.

Fulana com dois te botaram com três eu tiro,
Em nome do pai do filho e do Espírito Santo,
Eu tiro olhado quebrante [...]

Se te botaram em teu andar eu tiro,
Se te botaram no teu comer eu tiro,
Se te botaram de usura de ódio de mal querença eu tiro,
Será retirado com as palavras do Pai do Filho do Espírito Santo, amém Jesus.

Esta reza era usada desde a colônia onde fala com dois te botaram com três eu tiro é repetido três vezes, esta repetição está relacionada às três pessoas da Santíssima Trindade o Pai Filho e o Espírito Santo, os dois olhos são os olhos da pessoa que admirou, está admiração pode ser boa ou ruim, pois segundo Crispiniana, a pessoa pode admirar sua boniteza, feiúra, de ódio e lhe desejar o mal, por isso ao rezar a rezadeira fala tanto no admirar com coisas boas como com coisas ruins. Para Crispiniana, quando a pessoa admira por coisas boas ela não deseja que a pessoa fique doente, mas a força do olhar é tão grande que atinge a saúde da pessoa, isso acontece muito com crianças recém-nascidas. Às vezes são os próprios pais que colocam olhado.

Outra característica na reza de Crispiniana é a oração do pai nosso e da ave-maria e a exaltação ao sofrimento e morte de Jesus. Assim ela utiliza as palavras:

O sangue que Jesus derramou na cruz,
Este sangue é que vai te curar,
Fulana o sangue que Jesus derramou sobre a terra,
É que vai te libertar em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo,
Amém Jesus.

Existe uma reza utilizada pelas rezadeiras de Riachão, e que Arlinda utilizou envolve a cura de todas as doenças em uma única reza, olhado, quebranto, inveja, mufina, etc. Com movimento das folhas e fazendo alguns movimentos no corpo da pessoa que está sendo rezada fala:

[...] te rezo de sete, te rezo de quatorze e de vinte e um,
Do direto por esquerdo, do esquerdo por direito...
Fulana, pela paz de Deus, e da Virgem Maria te retire,

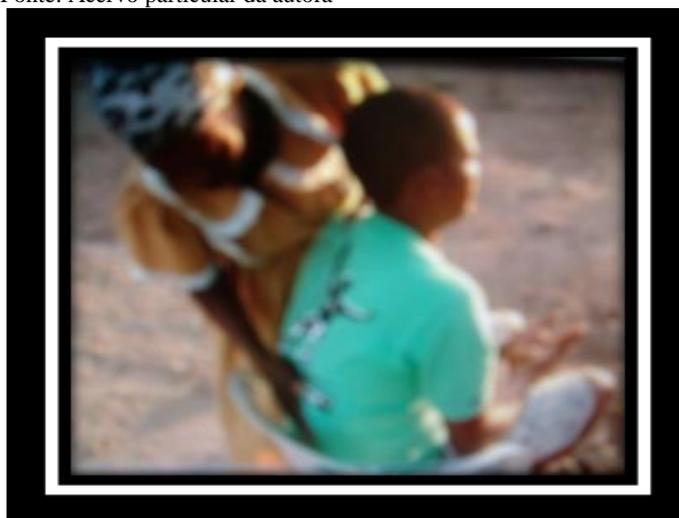
Que retira olhado que retira quebranto, que retira inveja,
Que retira mufina, mal de sete mal de catorze mal de vinte e um [...].

Com dois te botaram com três eu tiro,
Com o nome de Jesus José e Maria tiro olhado quebrante
Olhos maus olhos vencidos [...]

Se te botaram em teu andar eu tiro,
Se te botaram no teu comer eu tiro,
Se te botaram de usura de ódio de mal querença eu tiro,
Será retirado com as palavras do Pai do Filho do Espírito Santo, amém Jesus.

Figura 8-Rezadeira Arlinda praticando a reza

Fonte: Acervo particular da autora



Assim percebe-se que mesmo apresentando algumas especificidades, as rezadeiras de Riachão trazem em suas raízes as mesmas palavras e a exaltação da morte, sofrimento e paixão de Jesus Cristo, além da utilização de orações católicas como a Ave -Maria, Pai Nosso. Configurando uma junção de religiões as rezadeiras de Riachão são representadas pelo sincretismo religioso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscou-se representar a história das rezadeiras através de seus depoimentos, visto que sua história é a história dos excluídos. Trabalhar com abordagem na história cultural favoreceu inserir esse personagem na história local de Riachão do Jacuípe.

A história das rezadeiras se configurou nos arredores de Riachão, assim como nos tempos das colônias. Sua história é marcada pela exclusão, trata de uma cultura produzida por

um hibridismo, apontada pelo catolicismo popular essas rezadeiras são vistas pela comunidade como detentores de energias sobrenaturais, assim são representadas pela cultura popular que devido seus valores e condições de vida se contrapõem as classes dominantes. Diante disso, as formas como elas se expressam e suas ações não são perceptíveis dentro da história política nem econômica, visto que, valorizam as chamadas “grandes histórias”, neste caso só a história cultural é capaz de reconhecer a cultura das rezadeiras que envolve conflitos e resistências e que por muito tempo se encontrou suas histórias silenciadas, contudo pode sem dúvida enriquecer os estudos históricos.

Dessa forma, os objetivos foram alcançados, visto que representar as rezadeiras de Riachão do Jacuípe foi possível graças às evoluções das fontes, neste caso a oral, que possibilitou extrair dos próprios personagens ainda vivos na história sua importância para construir e ampliar a história cultural dos jacuipenses.

Ao entrevistá-las as rezadeiras ficou evidente que seus trabalhos são muito frequentes no município e que duas das entrevistadas já fizeram parte de terreiro de candomblé, embora não participam mais, continua cultuando os orixás. Ao se referir a sua religião todas se consideram faz parte do catolicismo, suas rezas são utilizadas orações da igreja católica como: O pai nosso e a ave Maria. Acredito que esta pesquisa trará novas inquietações para pensar a forma que as outras religiões vêm as rezadeiras, além disso, penso que construir a representação das rezadeiras é possível, visto que, suas manifestações culturais fazem parte da mais variada formas de expressões criadas aqui no Brasil. Colocar as rezadeiras no rol dessas manifestações significa superar preconceitos, valorizar e reconhecer sua importância na comunidade jacuipense. Certamente o pedido da rezadeira Arlinda para que elas fossem representadas como pessoas de bem como realmente são a partir deste trabalho foi atendido.

Partindo do pressuposto de que a “representação está associada ao modo pelos quais diferentes lugares e momentos de uma determinada realidade são construídos, pensada e lida por diferente grupo social”⁵⁰, entende-se o local e situação das rezadeiras no município de Riachão do Jacuípe. Muitas vezes esquecidas pelo tempo e despercebidas pela população, essas mulheres exercem um papel histórico, social, cultural e religioso que pode sem dúvida contribuir significativamente para enriquecer a história local do município.

⁵⁰ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. P. 185.

Referências

- ARANTES, Antonio Augusto. **O que cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10. ed. São Paulo: Global, 2001.
- CHARTIER, Roger. "Cultura popular": revisitando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**, vol. 8, n 16, , p. 179-192. Rio de Janeiro: CPDOC; FGV: 1995
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- CONCEIÇÃO, Alaíze dos Santos. Ser Rezadeira: saberes e práticas culturais de mulheres no Recôncavo. Gov. Mangabeira, Recôncavo sul da Bahia (1950-1970). **ANAIS X Encontro Nacional de História Oral**. Recife: UFPE, 2010
- LE GOF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 2005.
- _____. **Ensaio de Ego-História**. Lisboa: Edições 70, 1989, p.172.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- MESTRE, Marilza PINOTTI, Rita de Cássia. **As representações sociais e o inconsciente coletivo: um diálogo entre duas linhas teóricas**. **Revista eletrônica de psicologia**, Curitiba, n. 04,p.1-10,, jul. 2004. www.utp.br/psico. utp.online.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. **História e memória: a cultura popular revisada**. 3.ed. São Paulo: Contexto,1994.
- MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: SOUZA, Laura de Mello e; NOVAIS, Fernando (orgs.). **História da vida privada no Brasil**. Cotidiano e vida privada na América portuguesa. v.1 São Paulo: Companhia das letras, 1997. p. 155-220.
- SAMUEL, R. **Historia local e história oral**. Revista brasileira de história, São Paulo, ANPUH, v.9, n.19, p.219-242.
- SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- THOMAS, Keith. **Religião e Declínio da Magia: crenças populares na Inglaterra séculos XVI e XVII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado: historia oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VALLA, Vincent Victor (org.). **Religião e cultura popular**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.